Jornalismo e Literatura: a escrita enquanto forma de aproximação entre os gêneros¹

Periodismo y Literatura: la escritura como forma de aproximación entre los géneros

Journalism and Literature: writing as a form of approximation between the genres

Carolina Alves Magaldi²

Mariana Mello Alves de Souza³

Resumo

O tema deste trabalho parte do pressuposto que jornalismo e literatura são gêneros distintos, porém não são gêneros distantes. Percebe-se que existe uma relação de diálogo entre ambos em que um e outro compartilham elementos, ou tomam emprestados algumas de suas especificidades para a criação de suas narrativas. Como observa Bulhões (2007, p.9): “por mais que se imaginasse uma definitiva separação a partir dos anos 50 (século XX), novos e desconcertantes lances de aproximação entre os caminhos do jornalismo e da literatura têm se realizado em tempos mais recentes”. Dessa forma, o principal objetivo deste trabalho é pesquisar os caminhos que levaram à união de duas esferas do conhecimento – jornalística e literária – e seus subsequentes afastamentos ao longo da história humana, além de refletir sobre o papel da escrita enquanto ferramenta de acercamento entre jornalismo e literatura.

Palavras-Chave: Jornalismo. Literatura. Escrita. Gêneros Textuais.

Resumen

El tema de este trabajo parte de la base de que el periodismo y la literatura son géneros distintos, pero no distantes. Se observa que existe una relación de diálogo entre ambos en la que comparten elementos o toman

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Professora titular da Faculdade Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF. E-mail: carolina.magaldi@ufjf.br.

³ Mestra em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela UFJF. E-mail: 10563809698@estudante.ufjf.br.

prestadas algunas de sus especificidades para crear sus narrativas. Como observa Bulhões (2007, p.9) "por más que se imaginara una separación definitiva a partir de la década de 1950 (siglo XX), nuevos y desconcertantes movimientos de aproximación entre los caminos del periodismo y de la literatura se han concretado en tiempos más recientes". De este modo, el objetivo principal de este trabajo es investigar los caminos que llevaron a la unión de dos esferas del saber -el periodismo y la literatura- y sus posteriores separaciones a lo largo de la historia de la humanidad, así como reflexionar sobre el papel de la escritura como herramienta de acercamiento entre periodismo y literatura.

Palabras-clave: Periodismo. Literatura. Escritura. Géneros textuales.

Abstract

The theme of this essay is based on the assumption that journalism and literature are distinct but not distant genres. It is perceived that there is a relationship of dialogue between the two in which one and the other share elements, or borrow some of their specificities for the creation of their narratives. As Bulhões (2007, p.9) notes: "no matter how much one imagines a definitive separation from the 50's and forward (twentieth century), new and bewildering moves of approximation between the paths of journalism and literature have taken place in more recent times". Thus, the main objective of this essay is to investigate the paths that led to the union of two spheres of knowledge - journalistic and literary - and their subsequent departures throughout human history, in addition to reflecting on the role of writing as a tool of rapprochement between journalism and literature.

Keywords: Journalism. Literature. Writing. Textual Genres.

1. Introdução

O tema deste trabalho parte do pressuposto que jornalismo e literatura são gêneros distintos, porém não são gêneros distantes. Existe uma relação de diálogo entre ambos em que um e outro compartilham elementos, ou tomam emprestados algumas de suas especificidades para a criação de suas narrativas. Tal percepção se deve ao fato de que literatura e jornalismo se cruzaram em vários momentos da História. O jornalismo se aventurou no campo da literatura quando procurava uma maneira de narrar os acontecimentos. Mas a modernização das sociedades e o avanço do capitalismo pelo mundo contribuíram para que o jornalismo, como ato de noticiar fatos do cotidiano, fosse aos poucos adquirindo características singulares. Enquanto a literatura continuava a descrever cenários e personagens, narrando as histórias o mais profundamente possível, o jornalismo se tornou efêmero, imediatista e objetivo, permitindo apenas a presença de aspectos que fossem relevantes para o seu propósito de informar.

Para Werneck:

Não existe redação de jornal ou revista em que não haja jornalistas que lá chegaram porque, tendo “jeito para escrever”, em algum momento sonharam tornar-se escritores. A maioria aos poucos mudou de rumo e, abandonando as veleidades literárias, concentrou-se na atividade jornalística. Outros passaram a viver uma dupla militância da palavra, tratando de ganhar a vida nas redações sem desativar o sonho de produzir textos mais duráveis.

(...)

Em princípio, não existe incompatibilidade entre uma coisa e outra, mas o parentesco entre o jornalismo e a literatura pode induzir a equívocos que resultam desastrosos não só para os dois gêneros como para autores e leitores.

(...)

Hoje os escritores nas redações são menos numerosos do que foram no passado. Houve tempo em que a maioria deles tinha dois caminhos para ganhar a vida: o serviço público e o jornalismo. Entre as figuras graúdas, raros – Guimarães Rosa, Rubem Fonseca e uns poucos mais – escaparam de uma coisa ou de outra. (Werneck, 2012, p.1)

Ao diferenciar o discurso jornalístico do literário, Medel, no ensaio intitulado *Discurso literário e discurso jornalístico: convergências e divergências*, diz que “o primeiro se baseia num pacto estético, eximindo-se de provas comprobatórias, enquanto o jornalismo é regido por um pacto ético de credibilidade” (Medel *apud* Castro *et* Galeno, 2005). Ainda acerca da natureza do pacto ético, Nicolato sustenta que, “pela busca da verdade, levou o jornalismo a trilhar o caminho de um discurso, diria, unívoco, a literatura inaugurou o século 20 sob uma crise de representação, para a qual contribuiu o surgimento da reportagem e o próprio esfacelamento e fragmentação do tecido social” (Nicolato, 2004). Desta forma, afirma-se que a literatura trouxe para si novos modelos do discurso, alimentando-se de uma imaginação tão fecunda que tanto podia absorver o caráter documental da arte quanto as suas mais expressivas abstrações.

2. A gênese de gêneros a partir da escrita

Embora se debata quando se deu a gênese de ambos, é possível dizer que a mesma está ligada à invenção da escrita. Sabe-se que a narrativa não começa com a escrita, mas a

literatura só se torna possível com a escrita, embora não tenha surgido com ela. A literatura e a escrita, embora tenham conexões entre si, não são sinônimos. Os primeiros registros escritos da história da humanidade não são literatura e inclusive há controvérsias da parte de estudiosos que discordam sobre quando os registros antigos se convertem em algo mais semelhante à literatura narrativa. Todavia, certos textos primários podem ser considerados como os primeiros passos da literatura. Entre eles se encontram o *Poema de Gilgamesh*, escrito na Mesopotâmia e o *Livro dos Mortos*, no Egito Antigo.

Olinto (2008), por sua vez, remonta o passado para comentar sobre a produção da notícia através da História:

Homero é o primeiro repórter de que temos notícia. As descrições dos combates de Aquiles e de Heitor, das atitudes indecisas de Páris, têm força de acontecimentos sempre presentes. Quando Homero fala nas entranhas que saltam, após o golpe de espada do inimigo, e caem, presas nas mãos do homem atingido, cria uma cena em que imagens parecem vistas, sentidas, com mais veemência do que se a tivéssemos diante dos olhos [...] (Olinto, 2008, p. 29).

Nas palavras de Guimarães (2012, p.111), isso se dá "porque, embora ambos trabalhem com dois elementos inerentes à palavra escrita, o real e o ficcional, enquanto a literatura assume livremente a subjetividade e o caráter ficcional próprios do texto – aceitando de forma muito clara trabalhar com a imaginação – o jornalismo tende, quase sempre, a negá-los".

No que diz respeito ao jornalismo, segundo Kovach e Rosenstiel (2005), os relatos orais da antiguidade se configuram como uma espécie de pré-jornalismo. Para eles, quanto mais democrática era uma sociedade, maior era a tendência da mesma em dispor de notícias e informações. O que se comprova pela democracia ateniense, que se apoiava em um jornalismo oral, no mercado de Atenas, onde tudo que era importante para o interesse público ficava ao ar livre. Mas os próprios gregos perceberam que o conteúdo oral era extremamente passível de ser manipulado através da habilidade do orador. Os sofistas, proficientes em sua competência no discurso, foram criticados por Platão, para quem a cidade perfeita deveria ser

governada pelos filósofos, pois estes, segundo Platão, eram os únicos com sabedoria e conhecimento suficientes para exercer o comando.

O fato é que os relatos orais são o primeiro grande transmissor de conteúdo da humanidade. Com o advento da escrita, se inicia um afastamento entre o que se caracteriza como gêneros textuais. A poética – comprimindo tragédia, comédia e epopéia – não mais disputaria espaços de registro com os diálogos filosóficos e nem com as comunicações oficiais que se davam na forma de leis e decretos. Para Baltazar (2015), em meados do século XVII, quando surgiu, o jornalismo estava diretamente ligado às movimentações ideológicas e políticas de inclinação burguesa. As ideias publicadas eram, fundamentalmente, recheadas de interesses, orientações e interpretações políticas. O repórter, como descreve Lage (2002), ganha um caráter “publicista” semelhante ao de “muitas grandes figuras da Revolução de Cromwell, na Inglaterra do século XVII, ou da Revolução Francesa, no século XVIII, que eram publicistas” (Lage, 2002, p. 11).

Durante o período da Revolução Francesa, o jornalismo chegou a ser considerado “filho da Revolução”, pois foi nesse contexto que surgiram os primeiros jornais com periodicidade definida, jornais basicamente políticos, filosóficos e literários a serviço dos interesses revolucionários. Apesar de estar em segundo plano nessa época, pois a oralidade ainda mantinha-se no posto de técnica de comunicação primordial, os relatos escritos no formato dos jornais dividiam espaço com os discursos voltados para as multidões. Tais relatos constituíam um formato cuja influência maior vinha de escritores, filósofos e políticos, de pessoas cujo interesse era relatar os fatos do dia a dia que pertenciam aos seus contextos sociais e históricos. E, muitas vezes, recorriam às formas conhecidas de narrativa, os poemas, romances e contos, que eram utilizados na literatura.

Entretanto, o jornal impresso era voltado para a parcela alfabetizada da população europeia, o que explica o fato de que os discursos para as multidões ainda constituíam a maior fonte de propagação de informações. Esses discursos eram voltados para a maior parcela da população, que era analfabeta e não possuía nenhum contato de leitura impressa.

Essa situação foi se revertendo aos poucos, num processo iniciado no período das revoluções industriais na Inglaterra, a partir de 1770. Ainda no século XVIII, a primeira Revolução Industrial se ocupou apenas da urbanização das cidades, da instalação das manufaturas e da solidificação do sistema capitalista. Porém, no decorrer dos anos e no alaste dos movimentos de industrialização pelo restante da Europa, campanhas de alfabetização para as massas, a propagação de valores culturais e sociais e, por consequência, o aumento da influência do jornalismo foram vistos como marcos do século XIX, como ressalta Rodrigo Carvalho da Silva:

O século XIX foi o período da História de maior importância para a imprensa devido a fatores como a evolução dos sistemas econômico e político, os avanços tecnológicos, transformação sociais e o reconhecimento da liberdade em rumo à democracia. (Da Silva, 2010, p. 2).

O atrelamento entre o jornalismo e a literatura nesse período começa a sofrer um distanciamento com a chegada dos anúncios, que passam a ocupar grandes espaços nas páginas dos jornais e também com o surgimento do jornalismo de massa, que visava ampliar o público leitor urbano que surgia em função da industrialização, transformando a atividade jornalística em um empreendimento industrial.

2.1 O distanciamento entre Jornalismo e Literatura

A presença da propaganda nas páginas dos jornais demonstrava apenas um contraste entre o produto jornalístico e os outros conteúdos que ocupavam o mesmo espaço impresso. Com a literatura, o contraste estava inserido nos textos, na maneira como eram escritos e posicionados, mas com a publicidade, havia espaços específicos separados para cada, demonstrando que o jornalismo visava fornecer informação, como analisa Carvalho da Silva:

O conceito de que o jornalismo fornece informação e não propaganda transformou a notícia como um produto subjetivamente baseado em fatos e não opiniões. A partir desse momento, a informação passou a ser tratada como mercadoria e essa mudança

pode ser visível com o aparecimento de uma imprensa mais sensacionalista no final do século XIX. (Da Silva, 2010, p. 2)

Enquanto isso, no território brasileiro, o jornalismo começava a firmar-se através das edições do *Correio Braziliense*, primeiro jornal do país, cujo número inicial foi lançado em 1808. Apesar de sua impressão ser feita em Londres, uma vez que as leis da Coroa Portuguesa proibiam a existência de impressoras na colônia, a chegada da família Real ao Brasil naquele ano significou uma mudança importante no jornalismo nacional.

Fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte, a monarquia portuguesa trouxe consigo, além de toda a Corte e suas bagagens, inúmeras máquinas responsáveis por originar e manter o funcionamento da Imprensa Régia. Foi através dela que a *Gazeta do Rio*, o primeiro jornal impresso em terras brasileiras, foi fundado no fim de 1808. Suas publicações tratavam basicamente de assuntos oficiais e notícias de interesse da Corte, porém outros periódicos foram surgindo com o passar dos anos, periódicos que apresentavam discursos mais inflamados, mais agitados e engajados. Silvana Gontijo diz que:

De início, os jornais demonstravam ter alguma consciência de que parte da missão era educar o povo. No entanto, durante esse período turbulento, o que se viu foi uma disputa radical, que fez surgir estilos vigorosos e originais de redação jornalística, embora, muitas vezes, descambassem para acusações infundadas e ataques pessoais. (Gontijo, 2004, p. 285)

Na segunda metade do século XIX, o jornalismo começa a adquirir características que o afastam mais e mais da literatura, com quem havia convivido e dividido similaridades por cerca de três séculos. O primeiro ponto que denotou um efetivo afastamento entre jornalismo e literatura foi o tratamento dado por ambos à realidade vigente. Marcelo Bulhões afirma que “a literatura nem chega a representar a realidade, mas a recriá-la na operação de desviar a linguagem de sua função habitual.” (BULHÕES, 2007).

Basicamente, a capacidade que as obras literárias possuíam de desviar a linguagem verbal de seu uso comum foi usada como argumento para que o jornalismo se diferenciasse e

se distanciasse dela, passando a buscar produções contendo linguagens mais objetivas o quanto fosse possível. Bulhões ainda menciona que:

(...) a disseminação do modelo americano de jornalismo pelo Ocidente, a partir da segunda metade do século XX, e a assimilação de tal modelo pelos cursos superiores de comunicação reiteraram a percepção de que os fins da atividade jornalística solicitavam uma padronização textual destinada à produção de um efeito de objetividade. (Bulhões, 2007, p. 16)

A realidade era a matéria-prima do jornalismo, porém a maneira como a mesma era trabalhada alterou-se com o transcorrer do tempo. O jornalismo focou o seu discurso na objetividade, utilizando clareza, concisão e impessoalidade como ferramentas de construção textual. Nilson Lage destaca que “quaisquer que sejam as versões difundidas numa matéria de jornal ou revista, não importando a linha editorial, o mais importante são sempre os fatos.” (Lage *apud* Arnt, 2003). Na busca por uma maneira de relatar os acontecimentos que correspondesse o mais fielmente à realidade, sem a intervenção de opiniões e outros elementos que pudessem desviar a narrativa, o modelo americano de jornalismo estabeleceu um marco na história da comunicação e a partir dele, o jornalismo se especializou em uma maneira de transmitir informações desatrelada dos outros gêneros de escrita.

O ano de 1830 é importante, tanto para a história do jornalismo, como para as novas características que este passou a apresentar nos anos e séculos seguintes. Segundo Ciro Marcondes Filho (2000), este é o início do Segundo Jornalismo, um período em que o desenvolvimento da democracia nos EUA influenciou a maneira como as informações eram trabalhadas nos jornais. A verdade dos fatos, desprovida de ideologias e opiniões foi posta em primeira instância. O jornalismo deveria ser informacional, veloz e objetivo como o capitalismo que predominava no país. Para Bulhões, “a vitória do modelo americano em praticamente todos os recantos do mundo, inclusive na França, em tese significou a perseguição ao “entulho” literário nas páginas do jornal.” (Bulhões, 2007).

Mas a raiz do jornalismo francês estava intimamente ligada aos movimentos políticos que haviam modificado radicalmente o país. Distante do caráter publicitário do jornalismo norte-americano, o jornalismo na França precisou utilizar outras estratégias para atingir o seu público, para atraí-lo e também para mantê-lo.

2.2. A junção de Jornalismo e Literatura

A solução nasceu da simbiose entre o jornalismo e a literatura: o folhetim, um estilo discursivo que possuía características dos dois gêneros. Os autores de folhetim, embora fossem escritores em sua grande maioria, buscavam construir suas tramas utilizando o maior detalhamento possível, se atendo à criação ou recriação de eventos e personagens que fossem os mais próximos dos reais quanto fosse possível. O caráter ágil e dinâmico do folhetim o aproximava do modelo de jornalismo praticado naquele período, enquanto que o fato de ser ficcional o aproximava e, por vezes, o definia como um gênero da literatura. Felipe Pena argumenta que, no início, o folhetim não se resumia aos romances publicados nas páginas dos jornais. Pena explica que “a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo mais popular, principalmente na França e Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o à nova lógica capitalista.” (Pena, 2008)

Quando apareceu pela primeira vez, o folhetim era formado por um misto de várias formas de texto e assuntos, sempre buscando ilustrar a miséria das sociedades europeias da maneira mais emocionante e realista possível. Em suas histórias, assuntos variados do dia a dia, o que hoje se caracteriza como *fait divers*, dividiam espaço com assuntos sérios, como roubos, assassinatos, desenrolares políticos e religiosos e confrontos entre países. Havia proximidade do folhetim com a literatura, quando, ao tratar de questões triviais da vida em sociedade, o realismo literário era usado como base. E ao registrar o cotidiano das pessoas, o folhetim se aproximava do jornalismo, pretendendo ser o mais verossímil possível, construindo narrativas que se assemelhavam à realidade, mas nunca pretendendo registrar a verdade objetiva como o jornalismo fazia.

Bulhões situa que, em boa parte do século XIX, o folhetim era uma evidência do quão cooperantes o jornalismo e a literatura poderiam ser. Ele diz que:

Entre 1842 e 1843, o *Journal des Débats* publica *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue, consolidando os contornos de um gênero popular – *mediático*, com diríamos hoje –, com o desenrolar de uma série de tramas de amor, aventura e suspense, intermináveis e publicadas em pedaços nas folhas do jornal diário. (Bulhões, 2007, pág. 32)

Tal influência também pôde ser percebida nos veículos de jornalismo no Brasil. Um exemplo é o romance *O Guarani*, de autoria de José de Alencar, uma das obras nacionais que possuíam elementos folhetinescos em sua concepção e que foi publicada justamente na seção “Folhetim” do *Diário do Rio de Janeiro*, em 1857. Além de Alencar, autores como Manuel Antônio de Almeida e até Machado de Assis são exemplos de escritores que passaram pela imprensa, expondo o caráter de influência informativa e cultural que o jornal possuía. Héris Arnt afirma que:

Uma análise do jornalismo do século XIX deixa evidente um fato: a enorme participação dos escritores na vida dos jornais. Quer como editores, quer como cronistas, quer como escritores de folhetins, eles vão interferir na maneira de se fazer e conceber o jornal. A influência dos escritores foi de tal ordem, que podemos qualificar esse período da história da imprensa de jornalismo literário. (Arnt, 2002, pág. 7)

As notícias, caminhando ao lado dos folhetins ao longo do século XIX, pavimentaram caminho para o surgimento de uma importante vertente do Jornalismo, o Novo Jornalismo do século XX, século sobre o qual Baltazar reitera que:

Ao contrário da literatura, no decorrer do século 20, o jornalismo buscou numa sociedade industrial, marcada por relevantes transformações tecnológicas e redução do analfabetismo, projetar-se como uma entidade estável, autônoma. A credibilidade do veículo de comunicação, no caso específico do jornal, nas sociedades tidas como democráticas, estaria respaldada por um novo modo de estruturar o produto jornalístico, tendo como ponto de partida a configuração de uma linguagem objetiva, se afastando do caráter subjetivista da literatura, embora a tendo como base em suas origens. (Baltazar, 2015, p.5)

O que alguns teóricos contemporâneos da comunicação e da literatura propõe deste ponto em diante é que jornalismo e literatura sejam vistos como retas paralelas, sem qualquer ponto de intersecção. Entretanto, a História propõe uma maneira diversa de visualizar essa relação. O jornalismo encontra a literatura quando toma consciência que falar nem sempre quer dizer alguma coisa e dizer nem sempre exige uma fala. Escrever, nesse caso, é tomar consciência da carne e do silêncio das palavras, ou seja, omitir por seleção. Somente o domínio profundo do texto – seja ele jornalístico ou literário – permite a comunicação pelas entrelinhas, como argumenta Marques:

Escrever jornalismo é produzir reportagem, notícia, artigo opinativo. Escrever literatura é navegar nos gêneros épico, lírico e dramático. Criar contos, romances, novelas, poemas (aqui já começa a complicação, pois para muitos teóricos, a poesia não é literatura), ou uma terceira via ainda é possível, um gênero híbrido, mescla de literatura e jornalismo: a crônica. (Marques, 2009, p.12).

Isso faz da pessoa que escreve, como propõe Derrida, um farmacêutico. Em *A Farmácia de Platão*, ele ressalta que a palavra escrever vem de *phármakon* e conforme o mito de Theuth, significa ao mesmo tempo remédio e veneno. Derrida, enquanto filósofo, busca saber se escrever é decente ou indecente. Já um escritor ou um jornalista buscaria saber se escrever é persuasivo ou medíocre, se escrever cura ou mata, se liberta ou engana, se molda ou desfigura. São essas dualidades oriundas da escrita que aproximam os gêneros em vez de afastá-los. Para Silva, "escrever é, antes de mais nada, dar forma. A literatura é uma forma de dizer o mesmo com outras palavras. O jornalismo é um conteúdo dito de forma que se perca o mínimo." (Silva *apud* Castro *et* Galeno, 2005).

2.3. A realidade através das lentes jornalísticas e literárias

A relação próxima mantida pelo jornalismo e pela literatura através dos séculos também levanta uma importante questão que é intrínseca a ambos: a questão da representação e sua ligação com o mundo real, que está em contínua mudança. A linguagem como forma de representação, seja ela jornalística ou literária, possui uma carga significativa de substituição, de reprodução que

acompanha determinados acontecimentos no contexto de uma sociedade específica, expondo-os ou ocultando-os.

Antonio Olinto explica que:

Existe a realidade em ato e a realidade em potência, a atual e a potencial. A ficção pode haurir seu material tanto de uma como de outra. Sua configuração geral, no entanto, é mais de real possível que de real atual, enquanto que o jornalismo se situa quase que exclusivamente no real atual. (Olinto, 2008, p.38).

Todavia, mesmo que se cogite que a representação jornalística se atenha somente a expor o real atual, a preocupação que o jornalista possui em reconstituir cenários, diálogos relacionados com os fatos, de modo que o leitor possa compreender os detalhes e a relação com o todo, demonstra a semelhança que existe em relação ao processo narrativo do escritor, que realiza atos semelhantes para reproduzir ambientes e falas de personagens, de maneira que sua história seja visualizável para o público.

No século XX, jornalismo e literatura passaram a enfrentar uma mudança drástica, no que dizia respeito à percepção da realidade que o jornalista e o escritor possuíam e que passavam para o papel. Ao ocultar os indícios que marcavam a presença de um autor no texto, o jornalismo adquiriu um efeito de objetividade, uma característica que foi estimulada e propagada pelo modelo norte-americano de jornalismo. O jornalista que trabalhava dentro desse modelo utilizava uma técnica narrativa direta, que extraía do acontecimento tudo o que fosse importante o suficiente para despertar o interesse humano. O jornalista buscava o significativo, o objetivo, o que de válido pudesse existir no acontecimento.

De uma maneira similar, na literatura, “a omissão do narrador tornou-se recurso significativo, passando a manifestar-se a consciência da personagem em sua atualidade imediata.” (Sato *apud* Castro *et* Galeno, 2005). Mas Sato ressalta que:

Apesar da vocação para o “real”, o relato jornalístico sempre tem contornos ficcionais: ao causar a impressão de que o acontecimento está se desenvolvendo no momento da leitura, valoriza-se o instante em que se vive, criando a aparência do acontecer em curso, isto é, uma ficção. (Sato *apud* Castro *et* Galeno, 2005, p.31).

A ação de relatar os acontecimentos denota a construção de uma linha narrativa, e, em se tratando do relato jornalístico, a linha narrativa se mostra contígua ao fato, quando, na verdade, o que acontece é uma seleção de detalhes com base em critério de importância, para preencher o texto como elementos descritivos.

Olinto observa que:

A informação jornalística precisa de apresentar alguns elementos básicos de que o leitor tem necessidade para a total compreensão da notícia. Que coisa aconteceu? Quem provocou a coisa acontecida? Onde foi? Por quê? Para quê? Estas perguntas têm de ser respondidas e a narrativa, o relato, vai, por isto, dando pormenores de lugar, de tempo, bem como a autoria e as consequências da ação a que se refere. (Olinto, 2008, p.40).

Um texto literário, por sua vez, pode apresentar alguns dos elementos utilizados pelo texto jornalístico, mas seu objetivo não é construir um retrato fidedigno do real, e, sim, brincar com os fatos de maneira a surpreender o leitor. O texto literário trabalha com o “enredo” como o seu todo, enquanto que o texto jornalístico trabalha com o “fato” como recorte da realidade vigente.

Bourdieu elucida que o texto literário se compõe a partir de métodos que “coincidem com a definição vigente na representação objetiva do mundo, ou melhor, como o sistema de normas sociais de percepção insensivelmente inculcadas através do convívio prolongado com representações produzidas segundo as mesmas normas” (Bourdieu, 2007, p. 292). Dessa forma, afirma-se que a ficção enquanto conceito proporciona, em certo sentido, as possibilidades de realidade enquanto base discursiva (mesmo que abstrata e simbólica), a mesma essencial realidade em que se constitui o discurso jornalístico de acordo com Sodré: “Por mais que o jornalismo desfralde a bandeira da reprodução da realidade, o seu funcionamento discursivo permanece no campo dos índices de um imaginário transcultural, em que a narrativa fascinantes do destino é tão ou mais forte do que as pressões realistas da história” (Sodré, 2009, p. 230).

Observa-se, que, apesar de existirem críticas acerca da objetividade plena e dúvidas a respeito de sua aplicação dentro das reportagens, da sua construção e da construção da linha narrativa jornalística, o ato de informar deve ser feito com maior acuidade e perícia possível. A literatura não precisa estar necessariamente e totalmente afastada do jornalismo. Conforme afirma Lopes:

De fato, é claro que a literatura pode usar (e usa frequentemente), como inspiração, factos/acometimentos e “personagens” verídicos, e pode trabalhá-los com a liberdade que a palavra lhe confere. Muitos são os escritores que constroem as suas histórias a partir de acontecimentos reais [a título de exemplo, pensemos no caso do romance histórico]. E muito embora o jornalismo rejeite (pelo menos em teoria) a invenção de factos, procurando respeitar a sua veracidade, muitos são os jornalistas que constroem os seus textos utilizando técnicas próprias da literatura. (Lopes, 2010, p.4).

Ao expandir os limites da realidade, a literatura também expande os limites de como trabalhar essa realidade, uma potencialidade que o jornalismo pode explorar para criar visões mais amplas, mais documentais e mais permanentes dos fatos. Conforme cita Cony:

Não se trata de considerar o jornalismo como expressão inferior à literatura. São expressões diferentes, unidas pelo mesmo gênero. Utilizam o mesmo veículo, pretendem atingir o mesmo objetivo, mas em tempo próprio para cada um. Dois exemplos da diversidade de tempo que marca tanto o jornalismo como a literatura: o primeiro seria o de Castro Alves, essencialmente um poeta, e José do Patrocínio, essencialmente um jornalista. Ambos integram a cultura brasileira, ligados sobretudo à causa da abolição da escravatura. Patrocínio era o tigre, enchia a rua do Ouvidor, foi levado em triunfo, no ombro do povo, logo após a princesa Isabel ter assinado a Lei Áurea. O herói foi ele, não a princesa. (Cony, 2005, p. 1)

Um caminho passível de ser trilhado se deu no século XX, quando os pontos de afastamento entre literatura e jornalismo poderiam ter se tornado mais significativos se não fosse pela obra *Hiroshima*, do escritor norte-americano John Hershey.

Mesmo imerso no modelo norte-americano de jornalismo, cujas já citadas características iam do *lead* estruturado em perguntas básicas como “O quê?”, “Quem?”, “Como?”, “Onde?”, “Quando?”, “Porquê?” à busca incessante pela imparcialidade e objetividade narrativa, Hershey utilizou uma estrutura de narração romanceada para produzir um relato jornalístico do bombardeio atômico na cidade japonesa de Hiroshima, ao fim da Segunda Guerra Mundial. Pena destaca que Hershey partiu de “fatos autênticos para reconstruir cenas e explorar as emoções dos personagens, apresentando diálogos interiores de forma novelística.” (Pena, 2008, p.53)

2.4. Capote e o romance de não ficção

Seguindo o caminho pavimentado por John Hershey, veio o também norte-americano Truman Capote. Tendo publicado diversos ensaios e matérias na revista *Harper's Bazaar*, Capote ainda contabilizava uma incursão na literatura com a obra *Breakfast at Tiffany's* (*Bonequinha de Luxo*), que, ao ser adaptada para o cinema, impulsionou a fama de seu autor.

Porém, o ponto alto da carreira de Capote vem de um momento sanguinolento da história do Kansas. O assassinato brutal de quatro membros de uma família da cidade de Holcomb atraiu o escritor e jornalista, ao que daria início a um período de cinco anos de apuração, entrevistas e pesquisas, resultando na obra *A Sangue Frio*, marco de criação do movimento do Novo Jornalismo.

Acerca da gênese do Novo Jornalismo, que foi traduzido do inglês *New Journalism*, Arnt destaca que:

O termo foi criado pelo jornalista e escritor Truman Capote, que se considerava o inventor do gênero. Não foi ele o criador, como comprova a vasta produção de jornalistas americanos que praticaram o jornalismo literário. Mas foi ele que, com a publicação de *A Sangue Frio*, elevou o gênero à categoria de grande obra literária, influenciando toda uma geração de escritores norte-americanos. (Arnt, 2007, pág.1)

Capote, todavia, preferia que seu trabalho não fosse enquadrado nos parâmetros usuais do jornalismo. Ele preferia utilizar o termo *romance de não ficção*, em que os acontecimentos e diálogos reais foram recriados com o auxílio de ferramentas da literatura. Tal opção foi também significativa para definir um aspecto típico do jornalismo, como observa Eduardo Belo:

Quando em 1965 Truman Capote denominou o seu *A sangue frio* de “romance de não-ficção” acabou sem querer estabelecendo uma distinção importante. Nem toda não-ficção é jornalismo, mas todo o jornalismo tem de ser, por princípio, não-ficcional. (...) O que prevalece na comunicação jornalística do mundo ocidental de hoje é

um pendor muito grande pela verdade, mesmo com toda a livre interpretação dos fatos (Belo, 2006, pág. 43)

Ao se aproximar da realidade, utilizando técnicas de escrita literária e se valendo da descrição de cenas e a reprodução de diálogos dos contextos que pretende representar, o Novo Jornalismo se legitimizou como uma alternativa às regras de objetividade do texto jornalístico típico. O detalhismo, o uso de pontos de vista e a capacidade de recriar acontecimentos inteiros demonstravam que, no Novo Jornalismo, assim como na literatura, a forma como um conteúdo era trabalhado tinha tanta importância quanto o próprio conteúdo.

Entretanto, a publicação de *A Sangue Frio* trouxe à tona duas outras questões que circundavam o Novo Jornalismo e suas obras: a precisão da apuração jornalística e a veracidade do texto produzido. Hoje sabe-se que “o livro de Capote, apesar de brilhante, não era 100% verdadeiro. O problema não estava nos ingredientes importados da literatura, mas em um bom número de imprecisões.” (Belo, 2006).

As acusações feitas a Capote mencionavam que ele distorcera e inventara diálogos, induzira declarações, não se atinha somente aos fatos e mantivera também um relacionamento afetivo com os personagens de sua história. A maneira como Truman conduziu a sua apuração também foi severamente criticada à época. Ele não possuía registros escritos de suas entrevistas e das declarações que colhia em Holcomb. Confiando somente em sua memória, muito do que foi produzido em *A Sangue Frio* foi considerado uma deliberada fraude à boa-fé do público leitor e também de suas fontes. Arnt ressalta:

O autor levou seis anos entrevistando os protagonistas, lendo os documentos da investigação policial, procurando dados sobre o passado das vítimas, assim como dos dois criminosos. Muitos críticos, sobretudo no calor do lançamento dos primeiros capítulos publicados no jornal *The New Yorker*, acusaram Capote de ter deturpado a realidade dos fatos, em favor de suas ideias. (Arnt, 2007, p. 2)

A fórmula utilizada por Capote, apesar das tentativas falhas feitas em outras obras de temática e períodos semelhantes, irradia sua influência sobre o jornalismo, pois mesmo que *A Sangue Frio* tenha sido narrado como um romance, ele possui, no final das contas, um caráter indiscutivelmente jornalístico (Belo, 2006).

Referências

ARNT, Hérís. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica**. Rio de Janeiro: E-Papers. 2003.

ARNT, Hérís. **A realidade nos trilhos da ficção: a notícia no século XXI**. *Revista Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ. Nº 20-21, jan.-dez. 2007.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto. 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. 1.ed. São Paulo: Ática, 2007. 215 p.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex: **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2005.

CONY, Carlos Heitor. **Jornalismo e literatura**. Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/jornalismo-e-literatura-0>. Acesso em 4 de setembro de 2018.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GONTIJO, Silvana. **O livro de ouro da comunicação**. São Paulo: Ediouro. 2004.

GUIMARÃES, Sandra. **Jornalismo e literatura: As duas faces de uma mesma moeda**. *LETRÔNICA* v. 5, n. ESPECIAL, p. 111-124, fevereiro 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/10686/7440>. Acesso em: 4 de setembro de 2018.

LOPES, P. **Linguagem literária e linguagem jornalística: cumplicidades e distâncias**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-cumplicidade.pdf>. Acesso em: 4 de setembro de 2018.

MARCONDES FILHO, C. **Comunicação e jornalismo. A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares - CLAEHM

Dezembro de 2024, Online | clacc.org/ehm
Artigos Completos

MARQUES, Fabrício. Jornalismo e literatura: modos de dizer. **Conexão**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, jul. a dez. 2009.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto. 2008.

SILVA, Rodrigo Carvalho da. **A Transição do Jornalismo - Do Século XIX ao Século XX**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2010.

WERNECK, Humberto. **Santa Sherazade, padroeira dos jornalistas**. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed699_santa_sherazade_padroeira_dos_jornalistas/. Acesso em 4 de setembro de 2018.